

# Por uma história cultural da comunicação

Marialva Carlos Barbosa

Entrevista concedida a Ariane Pereira<sup>1</sup>

Refletir sobre a História da Mídia ou da Comunicação em terras brasileiras nos leva, invariavelmente, ao nome, aos textos e à produção de Marialva Carlos Barbosa. Nessa edição em que a Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM) se volta para essa historiografia dos meios e dos processos de comunicação, não seria possível deixar de ouvi-la sobre o tema. Nessa entrevista, a pesquisadora, que é duas vezes professora titular – primeiro, pela UFF (Universidade Federal Fluminense) e, depois de aposentada, pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) – e atual presidente da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, aborda as relações entre Comunicação e História, os estudos historiográficos e de memória na Comunicação, a opção pela História Cultural e sobre a centralidade das relações sociais nos estudos de História da Comunicação.

**Professora, a senhora tem dupla formação - em Jornalismo e em História. Duas áreas que, a priori, em relação ao tempo não caminham juntas. Uma se interessa pelo presente, pelo imediato. A outra se volta para o anterior, para o passado. Como, então, uma pode contribuir com a outra?**

**MCB** - Só em aparência há diferenças entre Comunicação e História, já que nem a história é o passado, nem a Comunicação é só o presente. A história, como bem definiu Marc Bloch, é a ciência dos homens no tempo. Ou seja, dizer que a história se ocupa do passado não define a disciplina, bem como reconhecer a natureza eminentemente presentista da Comunicação, ainda que isto seja de fato algo incontestável, não define também a área. Acredito que a questão da narrativa é que produz a liga de articulação conceitual entre as duas disciplinas. Am-

bas se ocupam dos modos de narrar, dos homens num tempo que caminha do passado até o presente, como um processo complexo, ou dos homens num momento axial que denominamos presente estendido. Agora, a questão do presentismo da Comunicação produz a particularidade da área. Presentismo, não apenas por que se ocupa de um tempo predominante ultra-atual, governado inclusive pelos modismos com que muitos temas são definidos na área, mas porque em relação as suas temáticas a comunicação as aborda como se fossem dotadas de uma temporalidade governada por um presente onipresente. Ou seja, para a Comunicação é como se não existisse nada além do presente. Mas, se considerarmos, como considero, que o que chega do passado até o presente são sempre restos dos atos comunicacionais dos homens de outrora (as casas e monumentos; os documentos inscritos em suportes duradouros variáveis; etc.), o objeto de análise dos historiadores são nada mais do que atos de comunicação. Portanto, a relação entre Comunicação e História é ainda mais evidente. Mas se também percebermos a História além da mera disciplina, mas como a reflexão sobre atos humanos num processo temporal, temos ainda outra aproximação com a comunicação, que também se ocupa dessas ações humanas transfiguradas em processos de comunicação. Processos que se estruturam em modos narrativos. Há que se considerar também que o próprio processo de comunicação nada mais é do que uma narrativa. E também na história, como na comunicação contamos histórias e analisamos histórias contadas. Portanto, a relação entre Comunicação e História é enorme e não há refluxo entre esses campos, mas aproximações, ainda que muitas vezes não nos demos conta disso.

**Embora volte-se, primordialmente, para o “tendo passado” o Jornalismo, especificamente, e a Comunicação, de modo amplo, têm produzido gestos de retorno e de valorização ao passado. Como a senhora lê esse movimento?**

**MCB** - A questão dos usos do passado pela Comunicação é bastante complexa. Observamos nas últimas décadas uma espécie de obsessão pelo passado, ou como diz Andreas Hayssen, estamos seduzidos pela memória. A questão é qual a razão de esse passado ter tanto interesse, o que se manifesta nas ondas retrô, nos movimentos comemorativos, no valor inclusive comercial do passado. Mas os usos do passado pelos meios de comunicação não é algo que possa ser considerado novo. Ainda que no senso comum se tenha a ideia de que os meios de comunicação privilegiam os acontecimentos do presente e

<sup>1</sup> Jornalista, mestre em letras e doutora em Comunicação em Cultura (UFRJ). Docente da Unicentro (Universidade Estadual do Centro-Oeste), em Guarapuava, Paraná. Editora da Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM). Email: ariane\_carla@uol.com.br

que na contemporaneidade o ultra-atual é que ganha destaque na cena midiática, podemos afirmar que os meios de comunicação fazem do passado tema frequente de seus textos de cunho informativo ou daqueles de natureza ficcional. Por exemplo, desde o final do século XIX já podemos encontrar edições comemorativas e retrospectivas dos principais jornais do país. Na minha opinião, os meios de comunicação usam os rastros e vestígios que chegam do passado para fornecer um contraponto à necessidade permanente de inserção do público na atualidade do mundo. Assim, o uso do passado que os meios de comunicação produzem – nas retrospectivas, nas datas comemorativas, nos textos informativos que relembram eventos semelhantes ocorridos, entre dezenas de outras apropriações – não é algo que existe apenas no nosso mundo contemporâneo governado pela lógica da aceleração exponencial do tempo. Mas, em função do regime de historicidade de determinada época, as encenações do passado adquirem características particulares. Num mundo marcado pela aceleração e pela construção de um futuro que começa agora, comprimindo o presente, o passado adquire a força de resinificar o presente. Nessa perspectiva, há que distinguir um tempo radicalmente novo em relação a esse presente que dura, pois inclui nele o futuro. E esse tempo novo é o passado. Assim, o valor do passado no nosso presente histórico decorre do próprio regime de historicidade da nossa época, em que o futuro está de tal maneira incluído no presente que já não há mais projetos para o futuro. Por outro lado há um alargamento da nossa distância temporal em relação ao passado, ou seja, graças à ciência o passado torna-se cada vez mais longínquo. Assim, o passado é também cada vez mais percebido como um tempo mítico. E é esse passado longínquo, quase imemorial, que precisa ser revigorado. E talvez seja essa uma das razões da necessidade de passado que observamos nos tempos atuais.

**Vamos tratar, agora, da questão da pesquisa em Comunicação, ou melhor, da pesquisa em História da Comunicação. Primeiro: História da Comunicação ou História da Mídia? Por que?**

**MCB** - Considerar a História da Comunicação significa perceber a Comunicação de uma maneira mais ampla e não atrelá-la aos Meios de Comunicação. Como não acredito ser possível fazer história de “coisas” e sim que a história tem sempre uma dimensão humana, não postulo uma história dos meios, seja de maneira global ou particular e sim uma história que, privilegiando os processos midiáticos, inclua nesse contar, nessa narrativa, a ação humana. A História da Comunicação engloba, assim, além dos meios de comunicação propriamente dita, uma

série de outros aspectos, como por exemplo, as transformações nos modos orais de comunicar.

**Que conceitos são fundamentais para entendermos a História da Comunicação? O “de onde falamos” e o “como falamos” interferem?**

**MCB** - Primeiro, os conceitos basilares da história. Ou seja, não é possível pensar historicamente sem considerar o tempo, aliás, a questão do tempo é tão primordial a história que ela cria o terceiro tempo, o tempo calendário, entre o tempo vivido e o tempo cosmológico. Depois, temos ainda a questão da ação humana. Ou seja, em história busca-se uma interpretação dos atos dos homens do passado, portanto, não se pode falar em História da Comunicação sem perceber essas duas dimensões. Depois, em história é fundamental considerar o contexto aonde os processos se deram, ou seja, a ideia de entorno, do lugar de produção das transformações, procurando-se atingir as generalizações apenas após considerar as particularidades. Assim, qualquer história deve se valer do tempo como conceito basilar. Mas, no caso da História da Comunicação, como o que está no centro da questão são os processos de comunicação, há que se perceber os sistemas de comunicação, tal como Robert Darnton já alertava nos anos 80 do século XX. Assim, não são apenas as questões dos enunciados e de onde se fala que interfere na construção conceitual da história dos meios, mas a percepção de que o contexto mais amplo no qual esta história está incluída diz respeito aos processos de comunicação.

**Quais são, no seu ponto de vista, as questões historiográficas envolvidas nas pesquisas em torno da história da comunicação?**

**MCB** - São muitas. Além da questão do tempo a que já me referi antes, tem outras questões muito importantes. Enumero algumas delas. Primeiro, a percepção de que a história é uma narrativa que envolve a questão da interpretação. Está aqui incluída uma questão historiográfica fundamental, que é a do duplo lugar, da verdade e do verossímil. Fazer história é contar uma história, com começo, meio e fim, governada pela ideia da verossimilhança. Não podemos ter a pretensão de recuperar o verdadeiro passado. Entretanto, isso não quer dizer que o verdadeiro passado não seja colocado em cena. Ao ser uma disciplina científica, governada pelos preceitos da ciência, o passado a que a história se refere é sempre o verdadeiro passado, embora o que busquemos seja apenas o verossímil. Parece confuso, mas não é. Ou seja, a questão da interpretação deve governar o nosso olhar.

Outra questão fundamental diz respeito ao anacronismo. Isto é, não podemos pretender atribuir aos homens do passado o conhecimento que temos hoje e nem a vida, decorrente da passagem do tempo do passado até o presente, que temos hoje. Nos estudos históricos de comunicação muitas vezes vemos interpretações repletas de um olhar anacrônico, como ainda são muitos os estudos que acreditam que o passado verdadeiro é o que está se contando. Outra questão que governa essa ótica de uma verdade histórica, diz respeito também à busca pela gênese, pelo início primordial, por onde tudo teria começado. A teoria da história é fundamental para a construção de qualquer análise histórica e nessa visão é fundamental incluir questões em torno da temporalidade, dos particularismos para só depois se chegar às generalizações, processos e sistemas, relações sociais e por último a questão das narrativas e das interpretações. Isso é apenas um breve apanhado, pois essa questão é muito complexa e possui diversos aspectos que devem ser considerados.

### **Como articular passado, presente e futuro na história da comunicação?**

**MCB** - A história tem como cerne exatamente essa articulação. A relação passado, presente e futuro é essencial para se pensar historicamente. No caso da história da comunicação, não se trata de pensar o passado como uma espécie de tempo mítico, nem como um exemplo. Ou seja, pensar que estudamos processos comunicacionais do passado para daí tirar lições. Não devemos atribuir a história o lugar de produtora de lições para o futuro. Pensamos o passado como um momento numa articulação temporal maior, no qual questões conjunturais e estruturais ocorreram e que continuam nos interpelando. Ou seja, a visão processual da história nos permite pensar o curto prazo, o médio e o longuíssimo prazo, as durações da história, de que falava também Braudel. Pensamos as conjunturas, as rupturas, mas também devemos pensar as continuidades, as permanências. É do jogo entre rupturas e permanências que se propõe a proposição da interpretação histórica. No caso da comunicação, isso é muito importante, já que se vive uma espécie de onipresença do presente nos seus estudos. Assim, seria possível se pensar, por exemplo, uma história da comunicação do tempo presente? Estaria a comunicação refém de uma história presentista? São questões para as quais não obtive ainda resposta. Mas pensar qualquer história significa articular tempos vivos e tempos mortos.

### **Como ligar a história da comunicação com a memória?**

**MCB** - Em primeiro lugar é preciso considerar que história não se confunde com a memória. Como disse Roger Chartier, depois do magnífico livro de Paul Ricoeur sobre a memória, a história e o esquecimento, definitivamente foram aclaradas todas as dúvidas que porventura pudessem existir sobre o tema. Enquanto a memória evoca, por exemplo, a questão do testemunho, não se confundido com o documento, mostrando assim a aceitação explícita daquele que estava lá, ou seja, que foi incluído na trama do acontecimento, a história toma como matéria prima o documento, matéria que dá acesso aos acontecimentos que se consideram históricos e que nunca foram a recordação de ninguém. Memória indica a existência da ação de rememorar, as reminiscências, enquanto a história introduz explicações, interpretações e a compreensão. Por último, história é representação do passado, manifesta pela intenção de acessar esse passado, buscando nele uma epistemologia da verdade, enquanto que a memória possui uma suposta fidelidade a esse passado, ou seja, se constrói a partir da crença na existência de uma fidelidade ao passado. Portanto, é o nível declaratório, tanto na história, como na memória que produz as distinções e as aproximações. E esse nível declaratório, seja no testemunho (ou no esquecimento) quanto na construção na narrativa (na história), é um ato de comunicação. Agora, em relação a outro nível mais evidente poderíamos falar do aspecto documental dos meios de comunicação que deixam rastros documentais (portanto, históricos) de um tempo que passou e fixam nesses documentos testemunhos que foram um dia memoráveis e que se transformam em documentos do passado.

### **O Jornalismo se faz de entrevistas, de relatos. E na história da comunicação ou da mídia, que valor possui o testemunho?**

**MCB** - Acho que já respondi um pouco na questão anterior, mas podemos explicitar ainda outros aspectos. Em qualquer história, o testemunho, transfigurado, por exemplo, nos métodos da história oral é muito importante para a produção da interpretação de fatias do passado. Isso porque, o estar lá confere autoridade aquele que fala e permite que fatos não documentados possam ser recuperados. Ao se pensar na história em outros tipos de materiais para fontes do historiador, no redemoinho dos “novos objetos”, “novos problemas” e “novas abordagens” da terceira geração dos pesquisadores da *Ecole des Annales*, nos idos de 1970, se incluíram outras fontes não dependentes dos arquivos oficiais para acessar personagens esquecidos da história. Os excluídos da história, pelo título da obra de Michele Perrot, ganharam voz e

rosto. E nesse redemoinho de novas abordagens e novos documentos como fonte, surgiu a possibilidade de fazer do testemunho documento para a história. Todo o complexo e importante movimento da história oral se faz nesse sentido. Na história da comunicação, sobretudo, quando diz respeito a períodos mais próximos (e toda a história da televisão no Brasil, muito do que se refere ao rádio e sobretudo os movimentos mais contemporâneos) são imprescindíveis os testemunhos como uma forma de acesso ao passado pela abertura mais fundamental de acesso a ele, que é a memória. Pela memória dizemos que houve um passado. Pela memória falamos o passado.

**Seus últimos livros tratam da história cultural da mídia no Brasil? Primeiro: como definir a história cultural da mídia? Depois: porque estudar o tema?**

**MCB** - Primeiro pelo pressuposto de que parto ao visualizar o passado, de que não tenho a pretensão de trazer o passado, de maneira integral, para o presente. Mas apenas de produzir uma interpretação sobre esse passado e que essa é uma entre muitas possíveis. Ou seja, quando falamos em história cultural, estamos considerando como premissa principal a questão interpretativa, possibilidade pela construção de um texto que reconstrói, no presente, uma dada realidade passada. É a interpretação que permite visualizar como os homens do passado consideravam as múltiplas representações da imprensa, do rádio, da televisão, etc. A expressão dos indivíduos ocorre dentro de um idioma geral fornecido pela cultura, daí história cultural e não apenas história. Nesse tipo de abordagem, como diz Robert Darnton, passa-se do texto ao contexto e novamente ao texto, procurando descortinar um universo cultural estranho. Assim, cultura não se confunde nem com mentalidades, nem com ideais, mas considera-se o que chamamos realidade – no caso a realidade histórica dos meios de comunicação no Brasil – como um texto que é construído, pensado e dado a ler pela interpretação que fazemos do passado, sempre a partir do presente. Ou seja, trabalhamos com representações do mundo social, o que é objeto de estudo privilegiado da história cultural. As lutas por representações de que fala Chartier. Procuro interpretar o complexo movimento dos atores sociais em um dado momento e lugar, considerando suas práticas de comunicação. Práticas que constroem sentidos e cujos processos são, então, o objeto privilegiado da análise. Ou seja, procuro estabelecer conexões entre a cultura e o universo social, tentando interpretar os complexos processos comunicacionais, as representações que forjam as práticas existentes no cotidiano, em suas relações com o econômico, o político e

o social. Ou seja, procuro remontar as ações narrativas dos homens e mulheres que viveram em momentos particulares e que, aparentemente, são estranhos ao nosso olhar de hoje. As suas práticas de comunicação cotidianas, seus atos comunicacionais, os processos complexos das ações humanas, ações da ordem comunicacional. Ao se fazer história dos meios de comunicação devemos, no meu entendimento, visualizar a singularidade do ato comunicacional em toda a sua complexidade. Não se trata de buscar nos impressos, por exemplo, as significações de uma época. Não significa desvendar apenas a forma como a imprensa noticiou determinado acontecimento. O que nos interessa na história dos meios é a pluralidade dos atores sociais envolvidos nessas relações. Não fazemos história das “coisas”, da imprensa como coisa, por exemplo, mas dos homens envolvidos nesses processos.

**A senhora afirma em seus livros que não é possível estudar a história da mídia no Brasil apenas a partir da imprensa escrita. Por que? O que é anterior e precisa ser estudado?**

**MCB** - Ao considerar a história da comunicação como a história dos processos de comunicação que envolvem sempre a ação humana, não é possível demarcar como ponto inflexivo o aparecimento da imprensa no Brasil como momento fundador de uma história da imprensa, por exemplo. Ou seja, a história dos meios aqui não aparece com a imprensa e sim com as práticas de comunicação governadas pela oralidade e que dominam a própria configuração da história da comunicação no território. As práticas orais precisam ser compreendidas. As ações cotidianas envolvendo processos de comunicação. Tudo isso precisa ser estudado para se compreender um pouco mais as particularidades de uma história que é construída num território cultural específico.

**A questão da leitura também lhe é muito cara - embora comumente se diga que o Brasil não é um país de leitores...**

**MCB** - A questão da leitura não quer dizer uma forma única possível de se realizar a leitura ou se relacionar com os códigos impressos. O Brasil é um país de leitores, isso não quer dizer, que as pessoas leiam da forma como idealizamos ou gostaríamos, ou seja, a leitura erudita, de maneira erudita, silenciosa, solitária, do livro em códex, etc. Hoje se lê como nunca se leu antes. A leitura é realizada nos tablets, nos celulares, ou seja, nos dispositivos móveis on-line. E sempre houve muita leitura no Brasil, leitura de segunda e de terceira natureza. Lia-se por ouvir dizer, por saber o que significava aquela infor-

mação, por ver os impressos nos ambientes cotidianos, letreiros, caixas escritas, letras e mais letras. Havia leitores e leituras de muitas naturezas. Ainda no doutorado pesquisei as práticas de leitura de alguns dos excluídos da nossa história, os loucos, as mulheres, as crianças e os presidiários e descobri, por exemplo, cartas escritas por detentos a escritores famosos como Coelho Neto. Vi indícios da leitura das crianças, das mulheres se emocionando com os folhetins ou com notícias dos jornais da época. A leitura como prática múltipla, dependente dos suportes, das materialidades, da cultura, enfim. Lia-se na rua, no bonde, na beirada dos postes que iluminavam os ambientes. Havia muitas leituras, inclusive a leitura dos escravos. Mas como a questão histórica é também uma questão de valor, ou seja, o conhecimento é valor de determinada época histórica, há muitas coisas que precisam ficar sobre o véu do esquecimento. E as práticas leitoras e escriturarias dos escravos é uma delas...

**Gostaria que a senhora explicasse, ainda, o interesse pelos gestos de leitura praticados pelos negros escravos não letrados que a senhora, lindamente, aborda na sua História Cultural da Mídia.**

**MCB** - Porque como disse, o conhecimento é uma questão de valor. Em determinadas épocas históricas há determinadas coisas que não precisamos saber, espécies de coisas malditas. E a leitura dos escravos para mim se encaixa nessa categoria. Ninguém precisa saber que os escravos não eram coisas, eram pessoas sensíveis, muitos com capacidades tecnológicas altamente desenvolvidas. Mas como a escravidão é o nosso holocausto, não precisamos e não queremos nos referir a ela. Estuda-se muito o período, mas se repetem conclusões, há uma espécie de vergonha, de negação, de dupla exclusão, portanto. E nunca se ter falado antes das múltiplas leituras dos escravos e que eles escreviam poemas, cartas, que manejavam máquinas complexas, por exemplo, fazendo chapéus, imprimindo jornais, entre diversas outras competências, é uma questão de valor do conhecimento histórico. Precisamos saber disso. Visualizar suas práticas de comunicação como práticas complexas num mundo que se modificava e que eles tomavam conhecimento e manejavam as tecnologias do novo mundo. Por isso, os negros escravos eram letrados, podiam escrever, mas estavam num mundo cheio de gestos de comunicação e faziam o gesto. Reconhecer sua complexa prática de comunicação é reconhecer a sua humanidade, por isso me dediquei a pesquisar essas práticas, procurando interpretá-las. Pesquisando os processos penais um dia me deparei com a assinatura de Romão, um escravo que assinou sua carta

de alforria com letras seguras, firmes. Escrever um nome era reconhecer a si mesmo, como sendo além do si mesmo. Era o gesto máximo da abstração do si mesmo. Romão, para mim, sintetiza complexidade dessa história das práticas leitoras (e escriturarias) dos escravos brasileiros do século XIX.

**Por fim, por que estudar, pesquisa a História da Comunicação?**

**MCB** - Uma vez li uma frase de Robert Darnton dizendo que havia uma história dos meios a ser escrita, embora não houvesse historiadores dispostos a fazê-lo. Acho que hoje não é mais assim. Há muitos historiadores dispostos a contar essa história. Mas no Brasil, ainda balizamos a história da mídia pelos processos que ocorreram em outros espaços culturais. Os processos são explicados em função de acontecimentos que significaram na Europa Ocidental e não aqui. Aqui, como digo no meu livro História da Comunicação no Brasil, nossos liberais foram particulares, não houve educação em larga escala e a oralidade dominou (e domina) nossas práticas de comunicação. Portanto, há que compreender esses processos. Ainda mais quando vivemos num século governado pela comunicação. Costumo dizer que o século XXI é o século da comunicação. Que assumimos a primazia da explicação das ações humanas. Há que então compreender esse processo. E para isso um olhar histórico é fundamental.